

06-03-2025

**DR. RICARDO E FERNANDA,
WITER E ANA THEREZA
E SEUS OBJETOS VIVOS NARCÍSICOS**

Witer Naves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Em nosso primeiro encontro de 2025 do Dona Alzira - Grupo de Pesquisa Espaço, Sujeito e Existência - tudo foi extraordinariamente bom! Fiquei muito emocionado (chorei!) com o vídeo da entrevista do meu amado professor e querido amigo Eguimar Chaveiro, mas também vi a importância, deferência e respeito de sua trajetória profissional dentro da Universidade Federal de Goiás, trazendo para a mesa nada menos que o último Reitor e atual vereador, Prof. Edward e a atual Reitora da UFG, Profª Angelita, além de um secretário de Estado que fora seu primeiro Orientando de doutorado, Prof. Adão Francisco, para fazerem um debate sobre os desafios voltados para a educação brasileira. Porém, contrariando meu amigo Eguimar, as conversas paralelas sempre acontecem (risos castrados) e foi exatamente nessa conversa paralela com o Professor Ricardo, que acabou se estendendo à mesa do bar no final da reunião, que tive minhas melhores reflexões do dia. Nosso assunto mais promissor das conversas surgidas paralelamente foi de nossos cães, de nossas afetividades e cuidados para com eles e a amorosidade dos mesmos para conosco e nossas companheiras: a Fernanda, que tive a grata satisfação de conhecer na reunião e de minha amada Ana Thereza, que estava a 900 km de distância de mim. Toda a conversa girou em torno das trocas entre os seres humanos e os animais, do zelo que devemos ter com eles; pois para que essa relação não pereça é necessário que nós humanos cuidemos de nossos cães. Aí, começa a reflexão! Eles serão mesmo animais? Ou são nossos objetos narcísicos vivos? Segundo Baudrillard, os animais de estimação são os mais belos dos objetos domésticos, eles constituem uma espécie intermediária entre os seres e os objetos, além claro de serem o indício de um fracasso das relações humanas, daí nós humanos termos um comportamento narcísico diante dos bichinhos. Pois o tempo da modernidade, no tempo do mais alto grau de produção de objetos variados, capazes de nos fazer bem, de nos personalizar, eles não são exclusivos, qualquer pessoa que tenha dinheiro, pode ter um objeto tecnológico, como um Smartphone de última geração, um carro elétrico, uma boa casa e seus variados objetos, que constituem um sistema doméstico. Porém a exclusividade só pode existir quando de uma

relação narcísica com um objeto vivo, não sexuado, ou seja, castrado e privado de sexo (real ou simbolicamente), e que seja por esse preço afetivamente tranquilizador para o ser humano narcísico. Pois os animais são diante de seus “donos”, aqui fica claro a coisificação dos animais como objetos, os reguladores das angústias e das castrações advindas das relações sociais estabelecidas por nós humanos, e quiçá nossas relações pessoais, pois o objeto animal doméstico perfeito é o único “ser” cujas qualidades irracionais exaltam nossas pessoas, ao invés de a restringir. Assim a frase mais comum para definir as relações entre os humanos e o Cachorro é: O cachorro é o melhor amigo do homem! Claro! Ele não conversa, não opina, não resmunga, não contraria, não diz NÃO! Portanto ele é nosso espelho narcísico! Toda conversa paralela, desde a reunião até o bar girou em torno de nossos animaizinhos, que inclusive tem nomes narcísicos dados por nós! (rssss) O Professor Ricardo e sua amada Fernanda chamam seu objeto vivo e doméstico de Aureliano, nome dado, acredito eu, pelo Ricardo em função de sua paixão pela Literatura e por um personagem importante do livro Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Márquez. E claro, o meu e de Ana Thereza, o cãozinho mais lindo e fofinho: Michel Foucault, um Pug de energia revigorante e que de fato nos traz calma em momentos de intranquilidades afetivas e sociais. Dessa maneira os nossos objetos são assim, no seu sentido exclusivo, realmente um espelho: imagens que são devolvidas sem nos contradizer, sempre com muito carinho. Coisa que se dilui, conforme Zygmunt Bauman, em Amor Líquido, que até mesmo a afinidade está se tornando algo pouco comum em uma sociedade de extrema descartabilidade e que a fragilidade dos laços sociais e afetivos, e para a falta de compromisso, em construir relações duradouras. Assim, Aureliano e Foucault são nossos objetos perfeitos, como qualquer outro objeto vivo, em qualquer outra casa ou Lar mundo afora, que não emitem imagens reais, mas apenas as desejadas por nós, narcísicos humanos! Por fim, resta aos animais hoje tão consumidos enquanto objetos, já se diz ao longe, que a indústria pet é uma das mais lucrativas do planeta, apenas sua fidelidade ao humano, que em sua regressão aos animais os tornam espelhos, pois os mesmos jamais poderão ser investidos de relações humanas, pois não o são. Por fim, mas não conclusivo, pois essa conversa é comprida, necessária de um bom divã, têm os objetos um papel regulador na vida cotidiana, o que muitas vezes pode abolir neuroses, anular tensões e recalques, fazendo os humanos dar aos objetos uma certa “espiritualidade”, os tornando nossos, constituindo no mundo ilusório um cenário ideal de nosso equilíbrio neurótico.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.